



PARA UM CAMINHO SINODAL

“Nome sempre antigo e sempre novo (cfr. Subsídio preparatório do XI Capítulo Geral) e tema desenvolvido na Carta anual do Superior Geral, a sinodalidade põe-se como argumento sobre o qual focar a nossa reflexão. Forma da Igreja no seu atual caminho de renovação faz apelo à Sociedade de São Paulo e à inteira Família Paulina a uma transformação contínua da mentalidade segundo a indicação do Apóstolo Paulo (cfr. Rm 12,2). Em tempos especialmente difíceis como aqueles atuais, se for bem entendida, a sinodalidade representa o estilo da Igreja de comunhão, na perspectiva do viver em e rumo a Cristo Caminho, Verdade e Vida, única resposta aos anseios e às expectativas profundas da humanidade.

Verdade

■ Na escuta da Palavra do Apóstolo Paulo

O episódio dos discípulos de Emaús, nesse tempo pascal, oferece-nos a possibilidade de ver a unicidade do nosso seguimento fundado no encontro com o Mestre que se manifesta na dúplice mesa da Palavra e do Pão para depois nos enviar, após tê-lo reconhecido, como Presença viva entre nós, sentido do nosso viver. É uma chave de confronto e exame em relação à autêntica sinodalidade que envolve a todos para uma resposta unitária e coerente: enquanto caminha nas estradas do mundo o paulino tem o dever de mostrar a beleza e a verdade de sua fé, isto é, a de ser manifestação de uma presença divina que recebeu para iluminar uma humanidade que, distanciada de Cristo, corre sempre o risco de se deixar extraviar perdendo de vista própria meta.

Do Evangelho segundo Lucas (24, 13-33)

No primeiro dia da semana, dois discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. Conversavam a respeito de tudo o que tinha acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. Os discípulos, porém, estavam como que cegos, e não o reconheceram. Então Jesus perguntou: “O que é que vocês andam conversando pelo caminho?” Eles pararam, com o rosto triste. Um deles, chamado Cléofas, disse: “Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que aí aconteceu nesses últimos dias?” Jesus perguntou: “O que foi?” Os discípulos responderam: “O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em ação e palavras, diante de Deus e de todo o povo. Nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram

Caminho

O Primeiro Mestre, no Boletim San Paolo de abril-maio de 1959, incita a caminhar juntos não mais somente como Sociedade de São Paulo mas como Família Paulina que está se completando. Ele solicita fortemente o “‘ajornamento’ dos membros à Congregação e à Família Paulina, [...] a refletir como caminha; e entender bem, por outro lado, a Família Paulina e o seu belo caminho”. E continua reafirmando que “o [livro] ‘Mi protendo in avanti’, ainda que não o desmerecendo, não pôde conhecer e indicar plenamente tal caminho. O Senhor acende as lampadinas, à frente, à medida que se caminha e ocorre: não as acende todas, logo, no início, quando ainda não ocorrem; não desperdiça a luz; mas as concede sempre no ‘tempo oportuno’” (cfr. CISP, pp. 191-192).

Vida

O tempo pascal nos convoca para a vida que o Mestre ressuscitado revela no seu significado mais profundo de eternidade. A oração carrega-se da força exuberante do louvor que o Espírito suscita continuamente em nós tornando-nos capazes de nova fidelidade criativa em ordem à nossa missão e apostolado específico indicados pelo Fundador.

À vítima pascal

Cantai, cristãos, afinal: / Salve, ó vítima pascal!

Cordeiro inocente, o Cristo / abriu-nos do Pai o aprisco.

Por toda ovelha imolado, / do mundo lava o pecado.

Duelam forte e mais forte: / é a vida que vence a morte.

O Rei da vida, cativo, / é morto, mas reina vivo!

Responde, pois, ó Maria: / no teu caminho o que havia?

“Vi Cristo ressuscitado, / o túmulo abandonado.

Os anjos da cor do sol, / dobrado ao chão o lençol...

O Cristo que leva aos céus, / caminha à frente dos seus! ”

Ressuscitou, de verdade. / Ó rei, ó Cristo, piedade! Amen. Alleluia.

Para a canonização do Fundador

Senhor, glorificai na vossa Igreja o bem-aventurado Tiago Alberione. Que ele seja para nós exemplo e intercessor no caminho de nossa santificação e de nosso apostolado. Ajudai-nos em nosso trabalho de evangelização, a fim de que a presença de Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, se irradie no mundo por meio de Maria, Mãe e Rainha dos Apóstolos. Concedei-me as graças que agora vos peço...

para ser condenado à morte, e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que tudo isso aconteceu! É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo, e não encontraram o corpo de Jesus. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos, e estes afirmaram que Jesus está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas ninguém viu Jesus.” Então Jesus disse a eles: “Como vocês costumam para entender e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram! Será que o Messias não devia sofrer tudo isso, para entrar na sua glória?” Então, começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele. Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando”. Então Jesus entrou para ficar com eles. Sentou-se à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles. Nisso os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles. Então um disse ao outro: “Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém...

■ ■ Na escuta da Palavra do Magistério

Por ocasião da comemoração do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos bispos (2015), o papa Francisco retomou e ampliou uma expressão de São João Crisóstomo: «Igreja e Sínodo são sinônimos» enquanto que a Igreja não é senão o “caminhar juntos” do rebanho de Deus, na totalidade das suas expressões, ao encontro de Cristo de Cristo Senhor e ao seu interno ninguém pode ser “elevado” acima dos outros. Pelo contrário, na Igreja é necessário o rebaixar-se, condição indispensável para se colocar realmente a serviço dos irmãos. Sinodalidade torna-se o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio.

Do discurso do Papa Francisco

“Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações» (*Evangelii gaudium*, 120). O *sensus fidei* impede uma rígida separação entre *Ecclesia docens* e *Ecclesia discens*, já que também o Rebanho possui a sua «intuição» para discernir as novas estradas que o Senhor revela à Igreja. [...] Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar “é mais do

que ouvir”. (*Ibid.*, 171). É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o “Espírito da verdade” (*Jo 14, 17*), para conhecer aquilo que Ele “diz às Igrejas” (*Ap 2, 7*). [...] A sinodalidade, como dimensão constitutiva da Igreja, oferece-nos o quadro interpretativo mais apropriado para compreender o próprio ministério hierárquico. [...] Jesus constituiu a Igreja, colocando no seu vértice o Colégio Apostólico, no qual o apóstolo Pedro é a “rocha” (cf. *Mt 16, 18*), aquele que deve “confirmar” os irmãos na fé (cf. *Lc 22, 32*). Mas nesta Igreja, como numa pirâmide invertida, o vértice encontra-se abaixo da base. Por isso, aqueles que exercem a autoridade chamam-se “ministros”, porque, segundo o significado original da palavra, são os menores no meio de todos. É servindo o Povo de Deus que cada bispo se torna, para a porção do Rebanho que lhe está confiada, *vicarius Christi*, vigário daquele Jesus que, na Última Ceia, se ajoelhou para lavar os pés dos Apóstolos (cf. *Jo 13, 1-15*). E, num tal horizonte, o Sucessor de Pedro nada mais é do que *servus servorum Dei*.

■ ■ ■ Em escuta da Palavra do Fundador

Na grande reunião de 1960 em Ariccia – que poderia ser considerada como um pequeno sínodo convocado pelo fundador – Padre Alberione, refletindo sobre a necessidade de assumir a totalidade e modernidade da linguagem e dos meios, orientou-se rumo a uma organização internacional para chegar realmente a todos os homens do seu tempo com o Evangelho de sempre. A sinodalidade, que ia emergir no iminente Concílio Vaticano II como necessidade da Igreja de caminhar junto ao encontro com Deus e com o mundo contemporâneo, emerge também ela como uma metodologia que padre Alberione assumiu através da sua inteira Família abrangente a paróquia do Papa, o mundo inteiro.

De *Ut perfectus sit homo Dei* (III, nn.187.188)

A união de espírito. Esta é a parte substancial. A Família Paulina tem uma só espiritualidade: viver integralmente o Evangelho; viver em Divino Mestre enquanto Ele é Caminho, Verdade e Vida; vivê-lo como o entendeu o seu discípulo de São Paulo.

Este espírito forma a alma da Família Paulina; não obstante os membros (constituídos pelos Institutos coligados) serem diferentes e atuantes de modo distinto; mas entre eles unidos em Cristo e no fim da Encarnação e Redenção: “glória a Deus, paz aos homens”. Nenhuma espiritualidade distinta [...].

O Evangelho une todos; vivido integralmente significa espiritualidade cristã; a única, a verdadeira, a necessária espiritualidade para todos. Ocupações diferentes, mas espírito único. [...].